

Millenium spectrum

SPECTRUM, artigos versando temas variados, que vão desde *grandes nomes da educação*, até *figuras literárias da cidade de Viseu*, passando por questões de *Medicina do trabalho* e, quiçá, outros; espelho onde se reflectem várias visões do mundo ou de aspectos dele, espectro de sensibilidades, posições e opiniões sobre diversificados problemas, espelho em que se reflectem pensamentos e ideias e que nos devolve a imagem reflectida por outros desses pensamentos e dessas ideias. Espaço, enfim, onde se reflecte, um espelho que reflecte, espelho esse onde, afinal, nos reflectimos.

A MITOLOGIA GREGA, UMA CONCEPÇÃO GENIAL PRODUZIDA PELA HUMANIDADE: OS CONDICIONALISMOS RELIGIOSOS E HISTÓRICOS NA CIVILIZAÇÃO HELÉNICA

ALBERTO MANUEL VARA BRANCO*

Introdução

A mitologia grega, um fascinante e vivido espelho da multifacetada natureza humana, evoluiu significativamente com a integração progressiva dos antigos deuses e cultos pré-helénicos, vinculados aos ciclos agrícolas e de outros elementos saídos das cosmogonias orientais. A mitologia grega introduziu aspectos vinculados à natureza, que eram elementos renovadores nesse campo e deram origem a uma ampla série de entidades mitológicas, cuja dimensão foi determinante e significativa para o conhecimento do espírito dos povos mediterrânicos.

Desse processo surge a cristalização de uma complexa cosmogonia sistematizada por Hesíodo e a existência de um panteão politeísta, que adquiriu

* Professor Coordenador da Escola Superior de Educação.

características definidas na obra de Homero. De assinalar a componente iconográfica comum em certos aspectos imagéticos, que haveriam de encontrar um complemento realístico, adequado à introdução de referências dóricas e aqueias na cultura grega clássica.

As características comuns a todos os deuses gregos deram a conhecer a sua relação com os fenómenos da natureza, cujas forças regiam e a sua figura antropomórfica, baseada em modelos e costumes humanos.

A riqueza do mundo mitológico grego não acaba nos relatos sobre os deuses olímpicos e as suas frequentes intervenções nos assuntos humanos. Nas suas lendas, é aflorada uma vasta trama de divindades menores, relacionadas com a natureza. Por outro lado, são figuras de destaque os heróis, descendentes ou protegidos pelos deuses, cujas façanhas são narradas em ciclos individuais ou relatos genéricos, nomeadamente a *Odisseia*.

1- O conceito de mito

Para Eliade (1968), o mito é um conjunto de histórias que encerram ideais, de cariz religioso e social, reflectindo as actividades de figuras divinas, humanas ou animais, englobadas numa contextualização recheada de fenómenos surpreendentes e fantasmagóricos.

Para Holm e Bowker (1997), os mitos são apanágios de todas as sociedades, reflectindo uma capacidade imaginativa dos humanos em produzir e criar situações lendárias e mitológicas. Segundo os mesmos autores, a abordagem da problemática mito histórico sofre alterações de acordo com as tradições religiosas dos povos, tornando-se por vezes difícil destrinçar se algo é mito ou se é história, isto é pura e simplesmente no plano de fantasia ou se ocorreu no mundo real.

Uma vez que em toda a história de qualquer povo existem situações alusivas aos mitos, Lévi – Strauss (1978) sublinha que a separação entre mito e história se tornou um dos problemas mais significativos no mundo ocidental, nos séculos XIX e XX. Toda essa problematização está assente nos seguintes pressupostos:

- a) A forma de interpretação de determinados acontecimentos;
- b) A história ocupou o lugar do mito nas sociedades modernas;
- c) A capacidade de criação de mitos inerentes aos seres humanos;
- d) A divisão entre as ideias míticas e os factos ocorridos no mundo real.

Segundo Cox (1984), relativamente à distinção entre os factos literais e a interpretação metafórica dos mesmos, depende do modo como os indivíduos são educados, não havendo problemas para alguns na aceitação do sentido metafórico de um mito, uma vez que a história contada nunca aconteceu de facto, ao passo que para outros essa posição se mostra impensável, procurando definir algo como sendo verdadeiro ou falso. É de salientar ainda que os mitos são estruturados de modo diferenciado e de acordo com a cultura em que se encontram inseridos.

2- O mito no pensamento dos gregos antigos

Para Holm e Bowker (1997), a história e o mito englobam ideias conotadas com o desenrolar do tempo, reflectindo situações significativas marcantes na vida dos povos.

Dá-se o nome de mitologia grega ao conjunto de narrativas maravilhosas e das lendas de todo o género que os textos e os monumentos figurados demonstram e se propagaram nas regiões de língua e influência gregas.

Todos os povos, num dado momento da sua evolução e na procura do sentido das coisas, tiveram lendas, isto é narrativas às quais acrescentaram durante algum tempo a fé, pelo menos em certo grau.

A maior parte das vezes, as lendas, porque fazem intervir forças ou seres considerados como superiores aos humanos, pertencem ao domínio do místico e da religião. Apresentam-se, então, como sistema mais ou menos coerente de explicação do mundo, sendo criador de cada um dos gestos do herói, de quem se cantam os feitos. Os deuses não estão ausentes da narrativa, onde a sua acção é sensível, mas a génese do mundo não é, por isso, posta em causa e em dúvida.

O herói contenta-se em dar golpes com a espada, em inventar artimanhas memoráveis, em realizar viagens exóticas a regiões estranhas, fornecendo o registo e o porquê da importância de determinados valores. A este tipo pertencem todos os ciclos lendários dos Celtas, que nos dão dados a conhecer pelos romances galeses.

Noutros lugares, ainda, as narrativas dos mitos acabaram por perder quase todo o carácter maravilhoso e dissimulam-se sob a aparência da história, que tem funcionado como o registo do seu mundo social.

Contudo, o mito na Grécia participa em todas as naturezas. Faz a coloração de histórias e serve de título de nobreza às cidades ou às famílias, como se desenvolve em epopeia e vem explicar as crenças e os ritos da religião. Mas o mito é ainda algo mais.

Na Grécia, o mito aplica-se a toda a história que se conta tal como ao assunto de uma tragédia ou de uma comédia ou ainda a uma fábula de Esopo.

De acordo com Eliade (1968), o mito opõe-se ao logos, como a fantasia à razão, a palavra que relata à que demonstra. Mythos e Logos são duas metades da linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida do espírito. O logos é verdadeiro, se é justo e conforme a lógica e é falso se dissimula qualquer artimanha secreta, isto é um sofisma. Mas o mito, por sua vez, não tem outro fim senão ele próprio. O mito atrai ao seu redor toda a parte do irracional.

As primeiras epopeias hoje conhecidas em língua grega, que não a *Ilíada* ou a *Odisseia*, são já mitos no sentido alargado, pois são caracterizadas pela mistura constante do humano e do sobre-humano.

Hamilton (1983) sublinha que a epopeia grega tem por essência glorificar os debates dos homens e pelo mito alargá-los às dimensões do Universo. Para o mesmo autor, narrativas tomadas à letra testemunham uma fé religiosa, uma vez que Zeus e as suas divindades do Olimpo intervêm materialmente nos assuntos humanos. Tudo indica que há necessidade de honrá-los com sacrifícios, apaziguar os seus ressentimentos e provocar a conciliação com eles por todos os meios.

Segundo Grimal (1990), considera-se que a mitologia grega retrata a maneira de pensar da raça humana desde os tempos imemoráveis, pois a imaginação era fulgurosamente intensa e não controlada pela razão, havendo por detrás uma coloração nublosa.

De acordo com Petit (1977), a religião grega, diversificada e mutável, era uma mistura de fundo creto – micénico e das contribuições indo – europeias e influências orientais e fundamentava-se em contos e lendas transmitidas pela tradição oral.

O seu reordenamento ficou a dever-se ao génio de duas figuras marcantes no mundo grego:

- Homero, criador de uma sociedade mítica à imagem da humana; e
- Hesíodo, construtor de toda uma teogonia e do problema das forças misteriosas que traçam o destino do homem.

A época arcaica grega, caracterizada por perturbações e instabilidade, gera na época clássica grega um desenvolvimento de crenças novas, mais consentâneas com os desejos humanos, ansiosos pelo reconforto e pelo ensejo de certezas morais. Assim, a velha religião homérica viu-se obrigada a renovar-se, fazendo com que se assistisse ao seu rejuvenescimento, antes da época clássica insistir no espírito cívico dos cultos de modo a que a filosofia lhe sobrepusesse noções mais esotéricas. Com o tempo, criaram-

se uma série de mitos, muitas das vezes antagónicos. Hesíodo na sua obra Teogonia procurou dar uma ordenação a estes mitos que, contudo, permaneceram sempre com o seu carácter mais ou menos obscuro e absurdo.

3- A mitologia dos gregos com os seus convencionalismos

Uma distância intransponível separa o quadro de cores negras das belas histórias da mitologia clássica. Os mitos tal como os conhecemos são fruto do poder criador de grandes poetas.

Para Eliade (1968), a primeira fonte escrita da Grécia, a *Ilíada* de Homero contém a mais antiga literatura grega e está escrita numa linguagem rica, bela e subtil, implicando antes do seu aparecimento, o decurso de muitos séculos, durante os quais os homens se haviam esforçado por exprimir o seu pensamento com clareza e beleza.

Grimal (1990) destaca que os contos da mitologia grega não lançam o mínimo raio de luz sobre o que foi a humanidade primitiva, antes revelam e em larga escala, o que foram os gregos primitivos, um assunto da maior importância para nós, dado que deles descendemos dos pontos de vista intelectual, artístico e político.

Os mitos tal como os conhecemos são fruto do poder criador de grandes poetas.

Ao falar-se do milagre grego, procura traduzir-se a ideia de que, com o despertar da Grécia, se assiste ao nascimento do mundo outra vez. Os mais antigos poetas gregos deixam já transparecer o despertar de uma nova visão nunca antes sonhada no mundo e que, a partir desse momento, nunca mais o abandonaria. Com o aparecimento da Grécia, a humanidade tornou-se o centro do Universo, tendo-se dado uma revolução de pensamento. Os seres humanos até então pouco haviam contado e foi na Grécia que o homem tomou consciência, pela primeira vez, do que era a humanidade, do seu significado e da sua importância.

Para Grimal (1990), os gregos moldaram os deuses à sua imagem, pois anteriormente, os deuses não possuíam quaisquer semelhanças com os seres do mundo real, sendo diferentes de tudo o que existia. No mundo antigo, só na Grécia é que o homem se preocupou com o visível, com a aparência e tudo o que realmente existia no mundo que os rodeava e os satisfazia plenamente. Assim, o homem era a realização da sua busca de beleza.

Para Wattel (2003), os deuses humanizados fizeram do céu um local agradavelmente familiar, pois para os gregos era o mesmo que estar em suas próprias casas, mantendo-se a par de tudo o que os divinos habitantes faziam, comiam, bebiam, onde se banquetavam e como se divertiam. Segundo o mesmo autor, os deuses eram

temidos, pois eram muitos poderosos e perigosos quando irados e apesar de todas as precauções, o homem devia saber lidar com eles, tendo até a liberdade de os ironizar.

Ainda para Wattel (2003), as divindades eram humanamente cativantes e assumiam a forma de belos jovens e de belas donzelas que povoavam os bosques, as florestas, os rios, os mares, sempre em perfeita harmonia com a beleza terrena e com a alegria das águas cristalinas. É aqui que reside o milagre da mitologia grega, através de um mundo humanizado, sendo os homens libertos de um medo paralisante face ao desconhecido onnipotente, o absurdo aterrador, venerado em outras regiões. Desta forma, os espíritos terríficos que enxameavam a terra, o ar e o mar, foram banidos da Grécia Antiga.

Em síntese, o mundo da mitologia grega nunca significou pavor para o espírito humano. É verdade que os deuses eram desconcertantes mas viviam como homens, alimentavam-se de ambrósia e não de pão, bebiam néctar e não vinho e falavam entre eles uma língua especial, mas no fundo comportavam-se como os humanos, com os seus vícios, as suas fraquezas, mas também com as suas grandezas e qualidades. Os primitivos gregos fizeram de um mundo de medos e receios um outro mundo em que a beleza e a ordem reinavam em toda a sua plenitude. Contudo, este quadro resplandecente tem por vezes algumas manchas negras, dado que os deuses não se importavam de tomar atitudes e cometer actos impensáveis para os seres humanos.

4- Os deuses: a força e o equilíbrio do mundo grego

Para Tonkim et al (1989), o mito não é uma realidade independente, mas uma evolução de acordo com as condições históricas e étnicas dos povos. Ora, os gregos não acreditavam que os deuses tivessem criado o Universo, mas precisamente o contrário, o Universo é o criador dos deuses, pois antes dos deuses existirem se havia formado o Céu e a Terra, e estes foram os seus primeiros pais, aparecendo posteriormente os filhos, os titãs, e de seguida os netos, os deuses.

4.1- Os titãs e os grandes deuses

Segundo Grimal (1990), os titãs, que eram a geração primitiva dos deuses, foram durante muito tempo, os seres supremos do Universo, aparecendo alguns apenas, ao que sabemos, mencionados em determinadas histórias ou lendas. O mais importante foi Cronos, que dominou os outros, até ao momento em que Zeus, seu filho o destronou

e tomou ele próprio conta do poder. O poder real de Zeus é de essência guerreira. É de salientar que dentro de toda a geração primitiva dos deuses, só alguns não foram banidos.

Os doze grandes deuses do Olimpo eram deuses supremos que sucederam aos titãs. Primitivamente, o Olimpo designava o cume de uma montanha, a maior montanha de maior altitude de toda a Grécia, situado no Nordeste. Até mesmo na *Ilíada*, esta ideia começa a desagregar-se para dar a noção de um outro Olimpo, localizado algures num reino misterioso, a nível muito superior ao de todas as outras montanhas da Terra. O mítico invade a problemática de algo, quando não há outra forma de superar a situação pela razão.

Assim, os deuses do Olimpo constituíam uma família divina, muito interligada e conivente entre si:

- a) - Zeus, era o chefe e logo a seguir posicionavam-se os seus dois irmãos;
- b) - Posídon; e
- c) - Hades;

De seguida, e estabelecendo uma certa ordem e organização, vinham os seguintes deuses:

- Héstia;
- Hera;
- Ares, filho de Zeus e de Hera;
- Atena, filha de Zeus e só dele;
- Apolo, filho de Zeus;
- Afrodite, filha de Zeus;
- Hermes;
- Artemisa;
- Hefesto.

4.2- Zeus: o chefe supremo dos deuses gregos

De acordo com Wattel (2003), Zeus e os seus irmãos dividiram entre si o Universo, cabendo o mar a Posídon e o inferno a Hades. Zeus tornou-se o chefe supremo e era o deus da chuva, do céu e das nuvens. Ele brandia o terrível raio e o seu poder era superior ao poder de todos os outros deuses. Apesar de tudo, Zeus, não era onnipotente, nem omnisciente, pois havia quem se lhe opusesse e quem o mistificasse. Na *Ilíada* é revelado como Zeus foi enganado por Posídon e Hera.

4.3- Hera: a deusa incapaz de esquecer uma ofensa

Hera, a esposa e irmã de Zeus foi criada pelos titãs. Protectora do casamento, as mulheres casadas eram alvo do seu cuidado especial. No entanto, há muito pouco de atraente na imagem de Hera já que os poetas teceram à sua volta uma personalidade dúbia. Hera surge, antes de mais, interessada em castigar as mulheres, por quem Zeus se apaixonava, mesmo quando estas cediam apenas, porque ele as coagia ou porque as enganava, recorrendo aos mais variados ardis. A referida deusa, no entanto, mantinha-se perfeitamente indiferente à hipotética relutância ou inocência das suas rivais, pois a deusa tratava-as em pé de igualdade e a sua ira implacável perseguia-as, bem como aos seus filhos. Não obstante, era venerada em todas as casas e as mulheres casadas recorriam à sua figura em busca de auxílio.

4.4- Posídon: o poderoso senhor dos Mares

Posídon, muito querido pelos pescadores e navegadores, irmão de Zeus, era o senhor dos mares e ocupava o segundo lugar na hierarquia dos deuses do Olimpo. Os gregos de ambas as costas do Mar Egeu eram, devotados às fainas marítimas e, por isso, o Deus dos mares tinha para eles uma importância muito especial. A esposa de Posídon era Anfitrite, uma das netas do titã Oceano. Posídon possuía um palácio esplendoroso no fundo do mar e foi este deus quem deu o primeiro cavalo ao homem, constituindo por isso mais um motivo para a sua veneração. Posídon era representado com o tridente, uma lança com três pontas, com a qual agitava ou destruía aquilo que lhe apetecia, quando entrava em confronto com os interesses do referido deus.

4.5- Hades: o poderoso senhor do mundo subterrâneo

Era-lhe atribuída a governação do mundo subterrâneo e o domínio do reino dos mortos. Chamavam-no, também, Pluto, o deus da riqueza, dos metais preciosos ocultos no interior da Terra. Era o senhor dos infernos, a cuja porta se encontrava o cão Cérbero. Tinha um capacete ou elmo, que tornava invisível todos aqueles que o usavam. Desapiedado e inexorável, era no entanto justo, sendo por isso um deus terrível, mas não um deus do mal.

Raramente saía do seu mundo de obscuridade para visitar o Olimpo na Terra, nem sequer era solicitado para que aparecesse entre os homens e os outros deuses, pois

estes temiam os seus poderes secretos.

Era marido de Perséfone, raptada da Terra para dela fazer a Rainha dos Infernos.

4.6- Atena: a deusa da sabedoria, da razão e da pureza

Era filha de Zeus e só dele, pois não foi gerada por nenhuma mulher. Brotou da cabeça de Zeus, já adulta, envergando a sua armadura. Foi a inventora do freio para os cavalos e colocou esses animais ao serviço do homem. Era amada por Zeus e este servia-lhe de escudo nos maus momentos.

Na *Ilíada*, Atena surge como a deusa da luta feroz e implacável e era acima de tudo, a deusa da cidade, protectora da vida civilizada e das actividades artesanais e da agricultura. Atena possuía uma arma secreta e devastadora, uma espécie de raio que lançava sobre aqueles que por vezes pretendiam prejudicá-la ou destruir os seus poderes.

Atenas era a sua cidade, a oliveira a sua árvore, onde debaixo ouvia os segredos do vento e a coruja, a ave que lhe era consagrada.

4.7- Apolo: o deus da luz e da verdade

Filho de Zeus, nasceu na pequena ilha de Delos. Foi considerado o mais grego dos deuses. É o mestre que deleita o Olimpo, quando tange a sua lira de ouro. Era a figura principal da poesia grega. Era o deus do arco de prata, que atirava para bem longe as suas flechas. Possuía poderes curativos e ensinava aos homens como podiam minimizar os seus males e as suas dores. Era igualmente o deus da luz. O loureiro era a sua árvore e havia animais que lhe estavam consagrados, entre os quais se destacavam o golfinho e o corvo.

4.8- Artemisa: protectora da juventude

Artemisa era também chamada Cíntia, de acordo com o nome do lugar em que nascera, o monte de Cinto, em Delos. Era uma das três sacerdotisas principais do Olimpo. Era irmã gémea de Apolo, senhora da floresta e dos caçadores. Como boa caçadora que era, tinha o cuidado de preservar os animais jovens, sendo portanto, a protectora da juventude. A sua árvore sagrada era o cipreste e também protegia os animais do mato especialmente o veado.

4.9- Afrodite: a deusa do sexo

Esta deusa seduzia todos, tanto os deuses como os mortais, irresistível, inteligente na sua maneira de dialogar, que usava a sua beleza para atrair as atenções. Era filha de Zeus e de Díone. Quando Afrodite aparece, surge a própria beleza. Os ventos e as nuvens das tempestades desaparecem na sua presença.

Na grande maioria das histórias, surge como a esposa de Hefasto, o deus da forja, que era disforme e coxo, muito meigo e querido de todos. A ave que a simbolizava era o cisne e ouvia os segredos do oráculo no meio das folhas da murta.

4.10- Hermes: o ágil mensageiro

Era filho de Zeus e de Maia. Os seus movimentos eram graciosos e rápidos. Usava sandálias aladas e tinha asas no chapéu coroadado, bem como no bastão. Era o mensageiro de Zeus e voava tão célere como o pensamento, para cumprir as ordens de seu pai. De todos os deuses. Ele era o mais astuto. De facto, era o chefe dos ladrões. Cheio de curiosidade, este deus chegava ao ponto de roubar cartas e objectos para se inteirar dos amores e desamores daqueles que protegia.

Era o deus que conduzia as almas pelos caminhos até à sua última morada. Hermes aparecia mais do que os outros deuses nas lendas relacionadas com a mitologia.

4.11- Ares: o deus das revoluções

Deus da guerra, Ares era filho de Zeus e de Hera, mas ambos o detestavam. Fugia do Olimpo, sempre que os outros deuses tentavam impor-lhe normas ou regras. Estava à frente dos exércitos dos humanos e comandava as grandes revoluções sobre a terra. Não tinha cidade fixa, vagueava por onde lhe apetecia e estava sempre acompanhado por um cão, símbolo da fidelidade, e por um abutre, símbolo da sua atenção perante aqueles que caíam, para deles extrair ideias e força para continuar a viver.

4.12- Hefestos: o deus do fogo

Tinha a fama de ser filho de Zeus e de Hera, mas também se dizia, ser apenas filho de Hera, que o teria gerado, por vingança, por Zeus ter feito nascer Atena. Entre os imortais imensamente belos, só ele era feio e coxo também. Era altamente considerado como artesão dos imortais, sendo ele o armeiro, o ferreiro. Ensinava os deuses a

manobrar as suas armas de forma eficaz, dormia no meio das lavas dos vulcões e as suas zangas eram a causa das erupções.

4.13- Héstia

Era irmã de Zeus, uma deusa virgem tal como Atena e Artemisa. Era a deusa da Terra, o símbolo da casa, à volta de quem os recém-nascidos deviam ser colocados antes de serem recebidos na sua própria família. Cada cidade tinha um lugar público de destaque, consagrado a esta deusa, onde se acendia uma chama que nunca podia extinguir-se.

5 - Os deuses menores do Olimpo: o seu contributo a favor dos deuses maiores

Além dos doze grandes deuses do Olimpo, havia um conjunto de deuses no Céu, que trabalhavam a favor daqueles. O mais importante era Eros. O deus do amor. Nada se sabe sobre ele, mas para Hesíodo, surge na maior parte das vezes como um belo jovem, extremamente generoso para com os mortais. A sua maior glória residia no facto de não poder fazer mal nem em permitir que o fizessem. Todos os homens o serviam de livre vontade. Na maior parte das vezes era representado de olhos vendados, porque o amor verdadeiro é frequentemente cego.

É ainda de referir outros deuses menores: Antero, Hímero, Hebe e Íris, esta última, a deusa do arco-íris, mensageira dos deuses.

6 - Os deuses menores da terra: o mítico e o irracional com moradia no planeta

Ainda merece destaque a importância dos deuses menores da Terra, sendo de sublinhar pelo seu significado os seguintes:

6.1- Terra

Chamada a mãe de tudo, tendo conquistado uma dupla personalidade, pois por um lado era a mãe e a protectora universal e por outro a deusa do mundo subterrâneo.

6.2- Silenos

Era particularmente o nome do sátiro nascido de Pã ou de Hermes, que certas tradições apresentavam como o educador de Dionísio, quando este saiu da coxa de Zeus. Era representado por uma figura grotesca e feia, calvo com um ventre dilatado, geralmente bêbado e montado num jumento.

6.3- Eólo

Era o rei dos Ventos. Filho de Posídon, quem lhe confiou o domínio dos ventos e de Arne. Eólo percorreu o mar Eólio e foi acolhido nas ilhas do rei Líparo, que lhe ofereceu a sua filha Ciano.

6.4- Centauros

Metade homem, metade cavalo, eram na sua maioria criaturas selvagens. Viviam nos bosques dos montes Pélion e Ossa e os seus costumes eram muito rudes. As lendas gregas atribuem-lhes numerosos delitos praticados.

6.5- Sereias

Habitavam as ilhas dos mares. Tinham vozes encantadoras e o seu cantar atraía os marinheiros para o abismo da morte.

7 - Os deuses das águas: a sua força no mundo grego

Para além de Posídon, senhor e rei dos Mares, é de todo o interesse referir-se a importância dos deuses das águas, uma vez que estas faziam parte da vivência dos povos helénicos. Assim, destacamos:

7.1- Oceano

Titã, um senhor do Oceano, o grande mar que rodeava a Terra. Era marido de Tétis e as oceânides, as ninfas, eram suas filhas muito amadas.

7.2- Nereu

Chamado o velho deus do mar, um deus bondoso, em quem se podia confiar. Marido de Dóris, tinha cinquenta filhas, todas elas encantadoras, conhecidas por Nereidas.

Conclusões

A mitologia grega é um marco importante na evolução do pensamento da época e ainda um meio necessário para a compreensão da mentalidade no mundo helénico, caracterizada por uma ordem, uma fonte de inspiração para um mundo mais civilizado.

Através da mitologia antiga podemos sentir a história, a história daqueles tempos e a história dos deuses, dos heróis e dos homens, que estão ligados pelo inconsciente imaginário. Na sua fantasia, os gregos povoaram o céu e a terra, os mares e os mundos subterrâneos de divindades, ao mesmo tempo que criaram uma categoria intermediária para os semi deuses e para os heróis.

No quadro temático dos deuses, Zeus, deus do Céu luminoso e de todos os fenómenos atmosféricos, ocupa um lugar destacado, pois tudo vê, tanto o presente como o futuro. Zeus, sábio e justo, é o grande deus do panteão helénico. Ele personifica a força do bem utilitário num mundo e numa época ainda dominados pela barbárie. Torna-se o soberano supremo dos deuses e dos homens através de um estratagema delineado por sua mãe, Reia, esposa do titã Cronos. Este, que havia destronado o pai para ocupar o seu lugar, desfazia-se sempre de todos os seus filhos, engolindo-os à nascença.

Estando Zeus para nascer, Reia sua mãe pediu conselhos a seus pais, a Terra Geia e ao Céu Urano, quanto ao modo de proteger o seu filho. Assim, Zeus nasce no cimo do monte Ida, em Creta, de acordo com os planos estabelecidos, tendo sido posteriormente confiado às ninfas Ida e Adrasteia. Desta forma, Zeus cresce ao abrigo dos maus desígnios, protegido e ensinado por Métis, a sabedoria, filha do titã Oceano.

Na altura precisa, Zeus depôs o seu pai, tomando o trono, conquistando-o por direito próprio e pela sua valentia e assumindo o poder soberano e a posse do império celestial. Assim, ele torna-se o poderoso regulador do Universo e nunca mais nenhum adversário ousará opor-se à sua soberania.

Zeus que é uma figura imponente, assume-se como astucioso e as suas

aventuras amorosas são muitas. Servindo-se dos seus dons de metamorfose, o Deus supremo encanta as belas amantes, divindades e/ou mortais, que pretende conquistar. Zeus, representado por inúmeras formas, é para o povo grego um ideal de maturidade humana, de força, de majestade, de inteligência e de sabedoria.

Uma vez despojados do seu prestígio de verdade revelada, os mitos não deixam de levantar problemas ao espírito. Os próprios antigos tinham procurado uma explicação dos mitos. No entanto, sem resultado, pois é apenas no século XIX que a mitologia grega começou a ser tratada seriamente, como objecto de conhecimento e análise.

Então, o mito surge como o lugar por excelência, onde deviam refugiar-se, sublimações e símbolos. A mitologia antiga seria por isso, um verdadeiro subconsciente dos povos antigos, onde se encontrariam as suas aspirações, os seus temores e os seus terrores, tudo o que a moral consciente recusava ou não sabia interpretar.

Por outro lado, os mitos vieram trazer uma nova visão do Universo, uma visão baseada na fantasia, na imaginação e no mundo do sonho, embora com um cunho já de âmago espiritual e imortal.

Na Antiga Grécia, eram adorados muitos deuses, em especial os doze deuses do Olimpo, aos quais eram atribuídos determinados poderes, todos eles já referenciados. Para os gregos, os deuses eram potências sobre humanas, concebidos à imagem dos homens e por isso os deuses eram omnipresentes na vida social e privada na Antiga Grécia, sublinhando-se que o comportamento individual estava condicionado pelo respeito inalterável do sagrado e ainda pela obsessão de que qualquer prática poderia ser considerada impura. O humano conhece a fraqueza da tentação, mas também a sociedade do Olimpo partilha dos defeitos e das qualidades dos humanos.

Nos poemas homéricos e na epopeia grega há uma nítida preocupação com o desenvolvimento da acção do que com a psicologia das personagens. Ora, o desenvolvimento da acção, como as atribuições e a natureza própria de cada divindade são resultado de episódios mais marcantes em que os deuses se encontram empenhados e /ou envolvidos.

A mitologia grega não deixa de constituir um estratagema religioso e histórico na civilização helénica, servindo de um modo ideal à vivência grega em todas as suas aspirações. O mito, sob a forma de narrativa épica, torna-se um instrumento por excelência da educação vivencial e moral, sendo a expressão poderosa da esperança e do ideal e fornecendo um universo poético, um dado que cada um modela à sua própria verdade interior.

As manifestações de piedade decorrentes em solo do mundo grego são específicas de uma religião que não era uma religião revelada. A religião grega não se

baseava em nenhum texto sagrado, nem se fundamentava em qualquer dogma, não havendo a preocupação da salvação individual, conceito alheio ao mundo helénico.

Por outro lado, a morte suscitava mais pavor do que esperança, garantindo mais medo do que libertação, garantindo a perenidade da comunidade familiar ou de um grupo social. Na obra de Ésquilo, *As Coéforas*, o diálogo de Electra com o pai, a quem é dirigido um forte apelo, revela que os mortos eram honrados no mundo grego, embora se mantivesse com eles uma separação distante e respeitosa.

A interligação entre os homens e os deuses na Antiga Grécia era por intermédio da oração, proferida em voz alta, a fim de ser ouvida e atendida pelos deuses, os quais pareciam ser mais atentos às suplicas da colectividade do que às suplicas individuais.

A finalizar, podemos ainda destacar que o imaginário esteve sempre presente no quotidiano do povo helénico e é através desse imaginário que a sociedade grega mostra a sua força física e espiritual. O imaginário alimenta a própria mitologia grega, sendo uma base de apoio à cultura e religião gregas.

Bibliografia

- Cox, H. – Religion in the secular city. New York, Simon and Schuster, 1984.
- Eliade, Mircea – Mythes, Dreams and Mysteries. New York, Fontana, 1968.
- Grimal, Pierre – A Mitologia Grega. Mem Martins, Publicações Europa América, 1990.
- Hacquard, Georges – Mitologia Grega e Romana. Porto, ASA, 1996.
- Hamilton, Edith – A Mitologia. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1983.
- Holm, Jean e Bowker, John – Mito e História. Mem Martins, Publicações Europa América, 1997.
- Lévi Strauss, C. – Myth and Meaning. London, Routledge and Kegan Paul, 1978.
- Petit, Paul – O Mundo Antigo. Lisboa, Círculo de Leitores, 1977.
- Tonkin, E, McDonald, M. e Chapmen, M. – History and Ethnicity. London, Routledge, 1989.